

A GEOGRAFIA URBANA BRASILEIRA NA ESCOLA: PARA ALÉM DO LIVRO DIDÁTICO

Luiz Antônio de Souza Pereira¹

No ambiente escolar, a disciplina Geografia deve contribuir para o desenvolvimento e o aprofundamento da compreensão, análise e reflexão da dimensão espacial dos estudantes para que sejam capazes de realizar a leitura do seu cotidiano e do mundo. Assim como os processos e os fenômenos em seus diferentes níveis e relações escalares. A leitura do mundo é imprescindível para o exercício da cidadania. Os livros de geografia, via de regra, ao abordarem a temática urbana trazem textos, imagens e exemplos das grandes e principais cidades brasileiras, atendendo um mercado editorial em nível nacional. Ao mesmo tempo, não é raro muitos estudantes não conhecerem e se reconhecem como moradores de município em que vivem devido, entre outras coisas, ao afastamento da localidade com a área central. O objetivo do trabalho é apresentar e compartilhar duas experiências didáticas sobre a temática da geografia urbana na sala de aula do ensino fundamental e médio, desenvolvidas na rede pública municipal e estadual, com o intuito de trazer o cotidiano dos estudantes para a sala de aula e possibilitar sua compreensão, análise e reflexão, ampliando e aprofundando a leitura da realidade urbana local. Ao estudar a cidade e o urbano no país, os estudantes do sétimo ano do ensino fundamental são estimulados a pesquisar a história do local em que vivem e de seus familiares através da aplicação de questionário construído na sala de aula. A proposta da atividade é denominada “A urbanização brasileira em três gerações” e visa compreender como ocorreu o processo de urbanização e suas transformações. Ao mesmo tempo em que visa aproximar estudantes e familiares e valorizar suas experiências e vivências. No segundo ano do ensino médio a geografia urbana retorna a sala de aula no currículo mínimo do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Após apresentar a proposta do trabalho que será desenvolvido ao longo do bimestre, a turma é dividida em sete grupos (infraestrutura; serviços públicos; segurança pública; moradia; transporte e trânsito; emprego e renda; meio ambiente) para compreender o município em que vivem. Os estudantes são estimulados a pesquisar, analisar e refletir sobre o tema estudando levando em consideração: a área central da cidade (entorno do colégio); os bairros mais valorizados; as comunidades e a periferia (local de moradia de muitos estudantes) e às áreas rurais (local de moradia de alguns estudantes). Os grupos desenvolvem pesquisas, sobretudo, na internet, e realizam entrevistas (quantitativas e qualitativas), além de percorrerem as ruas da cidade e representarem cartograficamente as informações obtidas. Ao término das apresentações, os estudantes são estimulados a refletir a produção e reprodução do espaço, analisar o papel do poder público na redução ou ampliação das desigualdades locais e formularem possíveis soluções para os problemas encontrados. As atividades realizadas contribuíram para uma leitura do mundo menos contemplativa e mais crítica e reflexiva por parte dos estudantes, uma maior compreensão do local em que vivem e o exercício da cidadania.

Palavras-Chave: ensino de geografia; geografia urbana; cidadania.

¹ Professor do curso de Pedagogia do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO), do curso de Geografia da Universidade Castelo Branco (UCB) e de Geografia na Prefeitura Municipal de Petrópolis e no Governo do Estado do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.
Paulo Freire (2011, p. 24)

No ambiente escolar, a disciplina Geografia deve contribuir para o desenvolvimento e o aprofundamento da compreensão, análise e reflexão da dimensão espacial dos estudantes para que sejam capazes de realizar a leitura do seu cotidiano e do mundo. Assim como os processos e os fenômenos em seus diferentes níveis e relações escalares. A leitura do mundo é imprescindível para o exercício da cidadania (ALMEIDA, 1991; CAVALCANTI, 2008; entre tantos outros).

A cidade é uma referência básica para a vida cotidiana da maior parcela da sociedade brasileira. A cidade é educadora na medida que educa, forma valores e comportamentos. (CAVALCANTI, 2008). Os livros didáticos², via de regra, ao abordarem a temática urbana trazem textos, imagens e exemplos das grandes e principais cidades brasileiras. Ao mesmo tempo, não é raro muitos estudantes não conhecerem e se reconhecem como moradores de município em que vivem devido, entre outras coisas, ao afastamento da local de moradia com a área central. E sofrerem no cotidiano perversidades produzidas e reproduzidas no espaço urbano.

O artigo está dividido em quatro partes. A primeira traz informações gerais sobre os municípios (Petrópolis e Teresópolis) e a escola e o colégio onde foram realizadas as atividades compartilhadas no artigo. A disciplina Geografia é situada nas redes de ensino municipal e estadual na segunda parte.

O objetivo principal do trabalho – apresentar e compartilhar duas experiências didáticas referentes a geografia urbana no Brasil na sala de aula – compõem a terceira e quarta parte. Na terceira, é apresentada a atividade “A urbanização brasileira em três gerações” desenvolvida no 7º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Dr. Theodoro Machado, em Petrópolis-RJ. A atividade “Conhecendo a minha cidade ...” desenvolvida no segundo ano do Colégio Estadual Higino da Silveira, em Teresópolis, é abordada na quarta parte.

As duas atividades procuram trazer (e valorizar) o cotidiano e a vivência dos estudantes (e seus familiares) para a sala de aula com o intuito de possibilitar a compreensão, análise e reflexão do espaço urbano, desenvolvendo a leitura da cidade e

² Historicamente, o ensino de geografia e o professor de geografia no país possui como principal material didático o livro didático. Segundo Oliveira (2012, p. 137), “o livro didático tornou-se a ‘bíblia’ dos professores”. As precárias formação dos professores e condições de trabalho, aliado a elevada carga horária e quantidade de turmas dos professores, muitas vezes, aprisionam o trabalho pedagógico ao livro didático. Castellar e Vilhena (2011, p. 137) afirmam que “o livro didático ainda continua sendo um dos suportes mais importantes no cotidiano escolar e é, sem dúvida, o mais utilizado e solicitado”. Os autores criticam a forma como os livros são utilizados por muitos professores, que o “transformam em um mero compêndio de informações, ou seja, utilizam-no como um *fim*, e não como um *meio*, no processo de aprendizagem”.

de mundo dos estudantes. Algo indispensável para o exercício pleno da cidadania e do direito à cidade.

1. OS LUGARES

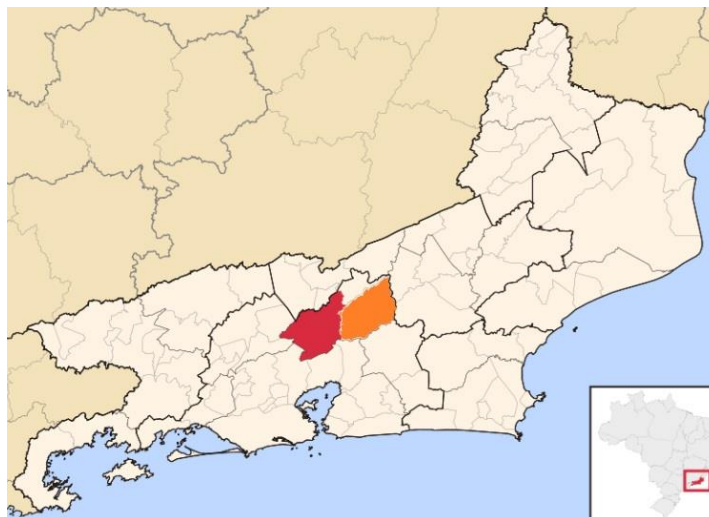


Figura 1. A localização dos municípios
Fonte: Wikipédia, 2017 (Adaptado).

As atividades foram realizadas nos municípios de Petrópolis (em vermelho na figura 1) e Teresópolis (em laranja na figura 1), localizados na região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Ambos possuem relevo montanhoso acidentado, altitude média acima dos 800 metros e o clima o tropical de altitude. Encontram-se cerca de 65 km e 90 km, respectivamente, da capital do estado do Rio de Janeiro.

A população de Petrópolis, segundo recenseamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 é de 295.917 habitantes, com uma densidade demográfica de 371 hab/km². O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 2010, alcançou 0,745. O Produto Interno Bruto (PIB) do município, em 2010, foi de R\$ 9,4 bilhões, sendo R\$ 4,1 bilhão produzidos no setor terciário. Seguido pelo setor industrial com R\$ 2,4 bilhões e o setor primário com R\$ 59 milhões. O PIB *per capita* é R\$ 31.753,67.

A população de Teresópolis recenseada pelo IBGE (2010) é de 163.746 habitantes, com uma densidade demográfica de 212 hab/km². O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 2010, alcançou 0,730. O Produto Interno Bruto (PIB) do município, em 2010, foi de R\$ 2,8 bilhões, sendo R\$ 1,3 bilhão produzidos no setor terciário. Seguido pelo setor industrial com R\$ 423 milhões e o setor primário com R\$ 125 milhões. O PIB *per capita* é R\$ 17.684, 31.

Os dois municípios apresentam um quadro de crescimento urbano desordenado, desde meados da segunda metade do século XX, com o avanço de áreas periféricas e favelas com carência de infraestrutura, serviços e transporte público. Uma parcela das habitações encontram-se em locais de vulnerabilidade ambiental, com riscos de deslizamento das encostas e inundações dos rios. Algo evidenciado pelas fortes chuvas do

verão de 2011, que provocou um rastro de mortes e destruição nos dois municípios e entorno³.



Figura 2: Escola Municipal Dr. Theodoro Machado
Fonte: Arquivo do autor, 2017.

A Escola Municipal Dr. Theodoro Machado (figura 2) foi fundada em 1942, no Vale da Boa Esperança, em Itaipava, 3º distrito do município de Petrópolis. Está localizada cerca de 30 quilômetros da área central.

A escola está localizada na região mais afetada, no município de Petrópolis, pelas fortes chuvas que ocorreu em janeiro de 2011 na região serrana do estado, que provocou 904 óbitos, 395 desaparecidos, 20.996 desalojados e 8.814 desabrigados (PEREIRA, 2013). A tragédia trouxe vários prejuízos para a Unidade Escolar, incluindo a perda de 6 estudantes e de dezenas de familiares, amigos e ex-estudantes e danos materiais que adiaram as aulas naquele ano letivo.

No ano letivo de 2016 foram matriculados 247 alunos distribuídos em 10 turmas. Cinco turmas funcionam no período da manhã (5º ao 9º ano) e 5 no período da tarde (educação infantil e 1º ao 4º ano). Possui 26 funcionários, sendo 13 professores



Figura 3: Colégio Estadual Higino da Silveira
Fonte: Arquivo do autor, 2017.

³ Para maiores informações sobre a tragédia ver: PEREIRA, Luiz Antônio. **Eventos naturais extremos e falta de planejamento urbano**: potencializando perdas de vidas e econômicas. In: Anais do 14º Encuentro de Geógrafos de América Latina. Lima, Perú, 2013.

O Colégio Estadual Higino da Silveira (figura 3) foi fundado em 1926 na área central da cidade de Teresópolis-RJ. O ano letivo de 2016 encerrou com 989 estudantes e 85 funcionários, entre direção, equipe pedagógica, professores, secretaria, inspeção de alunos, portaria, limpeza e cozinha). Possui 12 salas de aula e funciona em três turnos (manhã, tarde e noite) oferecendo o ensino médio.

Dentre os problemas encontrados na rede estadual, é possível afirmar que o colégio onde a atividade é realizada desde 2014 apresenta uma infraestrutura superior a média dos colégios da rede. Possui alguns projetores móveis e um auditório, com capacidade para cerca de 100 pessoas, equipado com projetor e som. O quantitativo de estudantes por sala de aula encontra-se dentro de um número aceitável (por volta de 35 alunos) para o desenvolvimento do trabalho docente no colégio.

2. SITUANDO A GEOGRAFIA NAS REDES DE ENSINO

Os temas e conteúdos propostos na Geografia escolar do 7º ano do ensino fundamental no país, via de regra, são dedicados a Geografia do Brasil. O mesmo ocorre com os livros didáticos, conforme observa Moreira (2014, p. 97).

Na Proposta Curricular de Geografia da Prefeitura Municipal de Petrópolis, no 7º ano o fio condutor é “a estruturação e diferenciação de áreas no espaço brasileiro”. Uma das abordagens propostas refere-se aos “aspectos da organização do espaço brasileiro no campo e na cidade. Em relação a temática urbana, destacam-se a industrialização e urbanização; os problemas das cidades brasileiras; rede urbana e os movimentos sociais na cidade.

A disciplina possui três horas-aula por semana na rede municipal de ensino. De uma forma geral, os estudantes possuem o livro didático de Geografia escolhido pelo professor, fornecidos gratuitamente aos estudantes através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), pelo governo federal. Apesar da carência de alguns exemplares em determinadas escolas da rede.

Na Rede Estadual de Ensino do Governo do Estado do Rio de Janeiro, a urbanização mundial e brasileira é um dos eixos temáticos da disciplina de Geografia no segundo ano do ensino médio. Segundo o Currículo Mínimo⁴ de Geografia vigente, o objetivo geral de um bimestre deve ser “analisar o fenômeno urbano numa perspectiva espacial e histórica”. Sendo necessário desenvolver um conjunto de habilidades e competências ao término do bimestre.

⁴ Segundo a Resolução SEEDUC nº 4.866 de 14 de fevereiro de 2013, o Currículo Mínimo é um “documento oficial norteador da elaboração dos planos de curso da rede estadual” que apresenta “os conteúdos mínimos que serão ministrados e as competências e habilidades que deverão ser desenvolvidas bimestralmente em cada ano/série, por disciplina, nas unidades escolares”. “O cumprimento do currículo mínimo é obrigatório em sua totalidade no ano letivo vigente, respeitando a autonomia do professor para possíveis ajustes”.

Diante de uma modelo meritocrático, a mensuração da “qualidade” do ensino é obtida através de um conjunto de variáveis, entre as quais encontram-se avaliações objetivas aplicadas a toda a rede de ensino⁵.

A carga horária da disciplina de Geografia é de apenas 2 horas-aula por semana. É comum as turmas possuírem elevado número de estudantes, que apresentam grande heterogeneidade nos níveis de aprendizado, conhecimento e perspectivas.

Os recursos didáticos disponíveis na rede, de uma forma geral, são escassos. Falta até mapas básicos! O livro didático, fornecido gratuitamente aos estudantes através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), pelo governo federal, possuem cada vez menos utilidade na disciplina desde que o volume único do livro didático foi abandonado. Em vez de um, três livros, um para cada ano. A justificativa oficial para a elevação dos gastos com o material não se reside no aumento do lucro das editoras, mas no peso carregado pelos estudantes.

A produção de livros didáticos em nível nacional, diante da quantidade de redes e características regionais é empobrecedora. Privilegia-se o currículo da maior rede de ensino estadual, a do Estado de São Paulo, que serve de guia, as vezes cópia e cola mesmo, para outros estados. As especificidades do Currículo Mínimo de geografia da Rede Estadual de Ensino do Governo do Estado do Rio de Janeiro faz com que todas as coleções disponíveis sejam subutilizadas em maior ou menor grau⁶.

3. A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA EM TRÊS GERAÇÕES

Ao estudar a cidade e o urbano no país, os estudantes do sétimo ano do ensino fundamental devem compreender o processo de urbanização brasileiro. O que envolve o estudo dos fatores motivadores e intensificadores e os desdobramentos nas formas e conteúdos espaciais ao longo do tempo. O que nos leva a discutir os principais problemas das cidades brasileiras e formas de superação dos mesmos

A atividade, desenvolvida e aperfeiçoada desde 2012, é dividida em três momentos. A apresentação da proposta e a construção coletiva de um questionário correspondem o primeiro momento. Para realizar essa etapa são destinadas duas horas-aula. A segunda etapa consiste em os estudantes responderem ao questionário e aplicá-lo com duas pessoas. Uma com idade entre 35 e 45 anos e a outra com mais de 65. O título da atividade, “A urbanização brasileira em 3 gerações”, faz referência as três gerações estudadas. Essa etapa começa na sala de aula (no segundo tempo reservado para a

⁵ A avaliação aplicada no último bimestre letivo é denominada SAERJ (Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro), enquanto as avaliações nos três primeiros bimestres chama-se SAERJINHO. Uma das pautas de reivindicação da maior greve da história da rede de educação estadual, ocorrida entre 02 de março e 26 de junho de 2016, foi a extinção de tal avaliação. Algo conquistado pela categoria.

⁶ Não estamos realizando uma avaliação da qualidade dos materiais disponíveis. Apenas afirmando que gasta-se recurso público (e muito!) para a aquisição de um material destinado a subutilização. Uma sugestão é a reunião de professores da própria rede para a elaboração de apostilas bimestrais (se a questão realmente é o peso), que podem ser disponibilizadas online para os estudantes também. Fornecendo aos estudantes um material mais próximo do que o currículo mínimo exige.

primeira etapa) e termina fora da escola. O terceiro momento ocorre na semana seguinte, quando os estudantes trazem e debatem os relatos coletados.

O questionário é elaborado com os estudantes na sala de aula e anotado no quadro branco e nos cadernos. Os alunos são indagados a respeito do que é importante conhecermos a respeito da cidade em que vivemos, do cotidiano e dos hábitos de consumo. Entre as questões estudadas ao longo dos últimos cinco anos, destacam-se: i) infraestrutura (água, energia elétrica, pavimentação); ii) serviços públicos (educação, saúde e limpeza); iii) transporte; iv) moradia, lazer e hábitos alimentares; v) segurança pública e vi) meio ambiente.

Cada questão deve ser respondida levando-se em consideração a qualidade (bom, médio, ruim ou inexistente), quantidade (muito, médio, pouco ou inexistente), o preço (barato, médio ou caro – quando se aplica) e o local de moradia do entrevistado (área rural, periferia, favelas, área central, bairros residencial de classe média ou alta) quando possuíam a faixa etária do entrevistador.

3.1 O que revelam os questionários aplicados pelos estudantes

3.1.1 Relatos da geração que nasceu até a década de 1950

Entre os entrevistados mais idosos, uma parcela expressiva nasceu e viveu a infância e juventude na zona rural, período em que a maior parte da população brasileira vivia e trabalhava no campo.

Há relatos do uso da água de poço, nascentes e rios (não havia uma rede de distribuição pública ou privada de água na localidade), a ausência de energia elétrica e ruas de terra na zona rural. Enquanto na área central e nos bairros de classe média e alta há água encanada, energia elétrica e ruas pavimentadas com paralelepípedos.

Os idosos, que viveram no interior durante a infância e juventude, afirmaram que naquela época não havia serviço de limpeza pública. As sobras dos alimentos serviam de adubo ou alimento dos animais e os demais resíduos sólidos, que eram poucos se comparado a atualidade, eram queimados. O transporte público era escasso, sendo necessário realizar longas caminhadas até a escola ou hospital.

Não existia posto de saúde para atender a população local, sendo necessário o deslocamento para a área central do município. A maior parte dos remédios eram caseiros, extraídos das plantas do próprio quintal. Os partos eram realizados pelas parteiras locais. Existiam escolas gratuitas que ofertavam, basicamente, os anos iniciais (a alfabetização) e o deslocamento era realizado muitas vezes a pé. O material escolar (lápiz, borracha, caderno etc.) era adquirido pelos responsáveis da criança. A merenda era escassa e com pouca variedade.

Na zona rural, muitas moradias eram construídas utilizando a técnica taipa de mão (pau a pique) e, apesar do elevado número de moradores, a quantidade de cômodos era pequena e não havia banheiro. Não haviam eletrodomésticos e eletroeletrônicos, no máximo um rádio a pilha.

O fogão era a lenha e os utensílios de madeira, metal ou vidro. A alimentação era escassa e com pouca variedade. O consumo de carne era extremamente limitado,

ocorrendo no domingo ou em datas comemorativas. Não se consumia produtos industrializados.

A quantidade de roupas era limitada e passada do mais velho para o mais novo. Ao rasgar uma peça de roupa, era comum consertá-la. O mesmo acontecia com os calçados e demais utensílios domésticos. O tempo de uso dos produtos era longo.

Não havia tráfico de drogas e armas de grosso calibre na região. Os casos de roubo e furto eram menos recorrentes. Nos relatos trazidos pelos estudantes, há a lembrança do furto de roupas no varal e galinhas.

O meio ambiente local não era degradado. As montanhas eram cobertas por vegetação, assim como as margens dos rios (mata ciliar). Nas águas dos rios da região a população se banhava e se divertia nos dias quentes.

3.1.2 Relatos da geração que nasceu nas décadas de 1970 e 1980

A geração dos pais (e de alguns avós) dos estudantes, após uma geração apenas vivenciam uma outra realidade, um outro país, em acentuado processo de urbanização. O número de entrevistados nascidos na zona rural sofreu uma drástica redução, ocorrendo poucos casos de emigrantes do interior de Minas Gerais e das regiões Norte e Nordeste.

As diferenças produzidas no espaço geográfico (área central, bairros de classe média e alta, favelas, periferias e interior) tornam-se mais marcantes e recorrentes nos relatos trazidos pelos estudantes na geração de 1970 e 1980, diante de uma maior diversidade dos locais de moradias dos entrevistados.

A água encanada está presente em quase a totalidade das residências dos entrevistados, assim como a energia elétrica. Os preços da água e da energia elétrica são considerados mais baratos do que os praticados atualmente. Os problemas no fornecimento de energia elétrica eram mais frequentes do que hoje. As principais vias de acesso são pavimentadas com paralelepípedo.

Uma parcela considerável dos entrevistados nasceu em hospitais públicos através de parto normal, reduzindo significativamente a presença da parteira. Essa geração teve mais acesso à escola e o número de anos de estudo aumentou, assim como a infraestrutura e os materiais didáticos. Porém, para a realização do 2º grau era necessário um maior deslocamento. O mesmo ocorria para consultas médicas especializadas, realizadas na área central da cidade. A limpeza urbana ainda não é uma realidade em algumas localidades.

O número de ônibus e linhas de transporte aumentou significativamente, em comparação com a geração anterior. A qualidade dos veículos é considerada razoável e os custos bem mais baratos do que os praticados atualmente.

As moradias de alvenaria tornam-se mais frequentes mas o número de cômodos permanece reduzido, levando-se em consideração a quantidade de habitantes por domicílio. O banheiro dentro das residências torna-se comum. A alimentação continua escassa e com pouca variedade, assim como o consumo de carne apenas nos finais de semana e/ou datas especiais.

Com a energia elétrica, os eletrodomésticos e eletroeletrônicos ingressam nas moradias, com destaque para a geladeira e a televisão. A televisão é, ao mesmo tempo,

uma fonte de informação e entretenimento. As crianças e adolescentes dessa geração ainda brincam nas ruas com os colegas e se divertem nos rios da região.

Os roubos ocorrem em maior quantidade do que na geração anterior mas concentram-se na área central e bairros de classe média e alta. Os furtos continuam presentes, assim como brigas motivadas por problemas e disputas amorosas.

O avanço do espaço urbano e do adensamento populacional sem uma política de uso e planejamento do solo urbano com justiça social e equilíbrio ambiental contribuíram para o desmatamento desenfreado de morros, encostas e beiras de rios. Assim como o lançamento indiscriminado do esgoto doméstico (comercial e industrial) nos córregos e rios sem tratamento.

2.1.3 Os relatos dos estudantes

Independentemente da condição socioeconômica do estudante, os alunos após as entrevistas realizadas percebem que as condições materiais da sua geração são, de uma forma geral, melhores do que duas gerações entrevistadas (pais e avós).

Os estudantes consideram boa a rede de distribuição de água e energia, mas relatam as reclamações dos seus responsáveis quanto ao preço pago. Os estudantes identificam a presença de asfalto nas principais vias de transporte. Em muitos locais o asfalto foi fixado sobre a pavimentação de paralelepípedo. Apesar do asfalto aumentar o calor no local e impermeabilizar o solo, é considerado um símbolo de progresso e objeto de desejo dos moradores.

A implantação de postos de saúde, onde funciona, por exemplo, o Programa Saúde da Família (PSF), em bairros residenciais aproximou à saúde pública dos moradores. Porém, as queixas da qualidade do serviço prestado são comuns – nos postos de saúde, nas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) e hospitais – com destaque para a falta de médicos, equipamentos, medicamentos e demais materiais e o longo tempo entre o agendamento e a consulta.

A limpeza urbana é realizada semanalmente, as vezes duas ou três vezes, nas localidades em que vivem os estudantes. Nas periferias e favelas há relatos da irregularidade ou insuficiência do serviço prestado. Os resíduos sólidos acumulados por longos dias geram uma série de transtornos, como o mau cheiro, e atraem vetores transmissores de doenças, como os ratos.

Na educação, os estudantes identificam uma grande quantidade de escolas na rede municipal de ensino, o transporte gratuito, a alimentação balanceada e variada e a disponibilidade de livros didáticos e outros materiais.

A qualidade do transporte é considerada razoável, apresentando problemas de lotação nos horários mais movimentados. Nos locais mais afastados e menos densamente povoados há uma menor oferta de linhas de ônibus e um maior intervalo entre um veículo e outro. Os valores praticados pelas empresas de transporte, regulamentadas pela prefeitura, são considerados elevados.

As residências dos estudantes são de alvenaria. O número de moradores por residência é menor do que nas gerações anteriores. Ao mesmo tempo em que aumentou-

se o número de cômodos, com destaque para a quantidade de quartos. Em algumas residências há mais de um banheiro.

Os estudantes normalmente reclamam de escrever o nome e a quantidade dos eletrodomésticos e eletroeletrônicos que existem em sua residência, percebendo claramente uma grande diferença em relação as gerações anteriores. A televisão está em todos os lares e o número de aparelhos de televisão dificilmente limita-se a um.

A geração atual identifica uma grande presença de plástico dentro das residências e de alimentos industrializados. A quantidade e variedade de alimentos e a presença da carne é maior. Quase tudo é descartável ou substituído após poucos anos de uso, mesmo que ainda tenha vida útil.

Houve um grande aumento da criminalidade, em especial, nos espaços periféricos e em determinadas favelas (local de moradia de uma parcela dos estudantes). Os alunos relatam com riqueza de detalhes o uso de armas de grosso calibre por traficantes, a venda de drogas e práticas corruptas e abusivas da segurança pública no local em que vivem.

Em virtude do aumento da sensação de medo e violência, da degradação ambiental e das novas tecnologias os estudantes realizam boa parte do lazer (ou todo) dentro de casa. A geração atual não se banha e tem momentos de descontração nos rios da região, contaminados pelos dejetos dos próprios moradores.

3.2 O que foi (é) possível aprender?

A partir da vivência dos jovens estudantes e dos relatos coletados junto as gerações anteriores (pais e avós), os mesmos puderam identificar rápidas, profundas e intensas mudanças no espaço (cidade e campo) brasileiro num intervalo de tempo relativamente curto.

A geração mais antiga apresenta características da sociedade rural e do seu modo de vida. Entre ela e a geração seguinte ocorreu a passagem da sociedade rural para a urbana. A urbanização brasileira é marcada pelo intenso êxodo rural e elevado crescimento vegetativo. A expansão e o adensamento do tecido urbano revelam nas paisagens urbanas a grave desigualdade socioeconômica existente e a falta de uma política de uso do solo urbano em prol da justiça social e do equilíbrio ambiental.

Se, inicialmente, há uma forte distinção entre rural e urbano, com o tempo ocorre a urbanização de uma parcela considerável do que era o campo. E os investimentos públicos concentrados na área central e bairros de classe média e alta reproduzem e intensificam as desigualdades existentes no espaço urbano. O descaso do poder público com as classes populares é visível na paisagem das favelas e periferias (local de moradia de muitos estudantes).

As constatações realizadas tornam-se um convite para pensarmos formas e conteúdos para o espaço urbano que proporcionem dignidade, igualdade e qualidade de vida para todos. O que nos leva ao debate sobre o direito à cidade e a necessidade de uma maior participação da população nos assuntos que afetam o cotidiano, a cidade, o país. Ressaltamos a importância do exercício da cidadania para a construção de uma outra cidade e sociedade. O que envolve uma leitura de mundo e da cidade menos contemplativa e mais crítica, algo que a disciplina Geografia pode contribuir.

Ao longo dos relatos trazidos pelos estudantes, surgiram diversas questões que podem (e devem) ser exploradas na disciplina e/ou em atividades e projetos interdisciplinares como: alimentação, drogas, meio ambiente, entre outros.

4. CONHECENDO A MINHA CIDADE ...

No 2º ano do ensino médio, segundo o Currículo Mínimo em vigor, um conjunto de habilidades e competências referentes a cidade e ao urbano devem ser desenvolvidas, entre elas: i) compreender o processo de urbanização brasileira, considerando seus aspectos sócio-espaciais e ii) reconhecer o espaço urbano como espaço do encontro das diferenças e do exercício da cidadania. Após estudarmos aspectos gerais da urbanização mundial e brasileira é apresentado aos estudantes a proposta de trabalho intitulada “Conhecendo a minha cidade”, que será construída ao longo do bimestre e representará uma parte significativa da nota bimestral.

Inicialmente, os estudantes são estimulados a pensar e delimitar temas que consideram importantes para compreender a cidade em que vivem e algumas curiosidades, que também são anotadas no quadro branco. Nos três anos em que a atividade foi realizada (2014, 2015 e 2016), de uma forma geral, os temas definidos foram: i) infraestrutura; ii) serviços públicos; iii) transporte e trânsito; iv) moradia e lazer; v) segurança pública; vi) emprego e renda; vii) meio ambiente.

Uma vez delimitados, a turma é dividida em grupos (um para cada tema), cabendo aos próprios estudantes formarem os grupos. A escolha dos temas ocorre através de sorteio. Ao término do sorteio e da anotação dos grupos e seus integrantes em uma folha de papel.

As normas e os informes gerais a respeito da construção do trabalho são anotadas no quadro branco. Orientações e regras referentes a formatação do trabalho escrito como página, letra, tamanho da letra, alinhamento do parágrafo, espaçamento entre parágrafos etc. são estabelecidas, admitindo pequenas variações, com o intuito de construir uma padronização mínima próxima ao que os estudantes irão se deparar no ensino superior ou na vida profissional. Um tempo é dedicado ao que é plágio, as formas de citação (direta e indireta) no texto e as referências bibliográficas conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

De uma forma geral, o trabalho escrito deve conter cabeçalho completo, título, introdução (com os objetivos), desenvolvimento (explicando o passo a passo adotado pelo grupo), resultados obtidos, considerações finais (incluindo o que o grupo aprendeu ao fazer o trabalho⁷) e referências bibliográficas. É definido um limite máximo de páginas (7) para desenvolver o poder de síntese dos estudantes.

⁷ Considero o espaço destinado para os estudantes expressarem o que aprenderam realizando tal atividade um dos mais importantes mas poucas vezes existentes do cotidiano escolar. FREIRE (2011, p. 25) afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Ao seja, à prática educativa é uma via de mão dupla. Quando o docente realiza apenas o famoso cuspe e giz dificilmente aprenderá algo com seus alunos (e os alunos com o professor). Os meus momentos mais marcantes e significativos em uma década de docência foram justamente aqueles em que aprendi algo com meus estudantes.

Os estudantes são estimulados a pesquisar, analisar e refletir sobre o tema estudado levando em consideração: i) área central da cidade (entorno do colégio) e os bairros mais valorizados; ii) favelas e a periferia (locais de moradia de muitos estudantes) e iii) áreas rurais (local de moradia de alguns estudantes⁸).

No primeiro momento, além dos produtos (trabalho escrito e apresentação) é definido o dia de entrega e apresentação do trabalho, que normalmente ocorre após quatro semanas. As orientações referentes a apresentação são discutidas posteriormente, quando o trabalho escrito está numa fase mais avançada, mais perto da data para não gerar um excesso de informação. Essa etapa inicial consome duas horas-aula.

4.1 O desenvolvimento do trabalho

Nas três semanas seguintes, uma parte da aula é dedicada ao acompanhamento dos trabalhos. Há dois momentos, um com cada grupo para identificar a fase em que se encontra o trabalho, os problemas e as dificuldades encontradas e auxiliá-los na superação dos obstáculos e com sugestões (algumas adotadas pelos estudantes que já realizaram tal atividade). E o outro com toda a turma, onde são apresentadas formas e procedimentos de pesquisas acompanhados de exemplos e abordadas as dúvidas e as dificuldades mais recorrentes trazidas pelos grupos.

Os grupos desenvolvem pesquisas, sobretudo, na internet, e realizam trabalho de campo pelas ruas da cidade registrando com imagens e vídeos os fenômenos estudados. Alguns mapeiam as informações obtidas. São estimulados a realizarem entrevistas com a população nas ruas e nas redes sociais e com profissionais especialistas no tema em estudo.

O ato de percorrer as ruas e as entrevistas são previamente planejadas levando em consideração os objetivos de cada grupo. As informações obtidas são organizadas e analisadas utilizando tabelas, gráficos e mapas.

Na última semana de preparação do trabalho são apresentadas dicas para a apresentação, o tempo mínimo e máximo (5 a 10 minutos para cada grupo) e os critérios da avaliação. O objetivo é contribuir para uma maior qualidade da apresentação e evitar que os estudantes cheguem na frente da turma e apenas leiam um pedaço de papel⁹.

4.2 O que os trabalhos apresentados revelam?

É disponibilizado aos estudantes no dia da apresentação um projetor e uma caixa de som. Seguindo o roteiro do trabalho escrito, os estudantes apresentam seus objetivos, explicam como realizaram o trabalho, os aspectos gerais do tema estudado no município e

⁸ O C. E. Higino da Silveira possui a especificidade de ser o colégio público com ensino médio na área urbana mais próximo para os estudantes que moram no interior do município (2° e 3° distritos).

⁹ No momento da construção do texto, de tabelas e gráficos e da apresentação (em programas de computador como o Word, Excel e PowerPoint ou similares) é constatado que uma parcela significativa dos estudantes não sabem manusear minimamente tais programas. Enquanto uma pequena parcela possui uma maior familiaridade com programas existentes. Em comum, ambos possuem smartphones (com grande variedade de modelos e preços) utilizados, na maior parte do tempo, em jogos e redes sociais.

em cada área (centro e bairros residenciais nobres/classe média; periferia e favelas e interior).

Ao término da apresentação, os demais estudantes são convidados a realizarem perguntas ao grupo para eliminar possíveis dúvidas e complementarem ou questionarem as afirmações (através de relatos). A medida que os estudantes apresentam os temas, não é raro os grupos seguintes utilizarem informações dos grupos anteriores e estabelecerem analogias. O controle do tempo é muito importante para que todos os grupos se apresentem no mesmo dia (em duas horas-aula).

De uma forma geral, os estudantes identificam que há significativas diferenças de quantidade e qualidade da infraestrutura e dos serviços públicos prestados nas três áreas estudadas, sendo melhores na área central e bairros residenciais nobres e de classe média e piores nas áreas mais afastadas do centro e nas favelas.

Nos bairros residenciais nobres e de classe média mais afastados do centro da cidade o transporte público apresenta um número limitado de linhas e horários, porém tal adversidade é suprida com a utilização do automóvel particular. As entrevistas realizadas em pontos de ônibus movimentados próximos do colégio ou através das redes sociais com jovens, adultos e idosos apontam que o transporte público é considerado caro e há problemas na prestação do serviço nas áreas mais afastadas do centro e com menor densidade populacional.

As pesquisas realizadas na área central da cidade constatou a imprudência e falta de respeito de muitos motoristas que utilizam aparelhos celulares enquanto dirigem, não usam o cinto de segurança, estacionam ou param em locais proibidos e avançam sobre os pedestres (inclusive na faixa de pedestre). As ações negativas dos motociclistas são ainda mais intensas.

As possibilidades de emprego e renda são limitadas para a grande maioria da população que não possui ensino superior ou é proprietária do negócio. As entrevistas junto aos trabalhadores do comércio local constatou que os salários dos empregados na maior parte das vezes não ultrapassa dois salários mínimos.

Ao observar o emprego e a renda e confrontar com os preços dos imóveis em diferentes áreas da cidade, os grupos responsáveis pela pesquisa da moradia nas imobiliárias chegaram a conclusão que os preços de compra e venda e aluguel na área central e nos bairros nobres e de classe média não são viáveis para a maior parte da população. As opções de moradias para a população assalariada no mercado formal são reduzidas, o que leva milhares de teresopolitanos para as beiras dos rios e as encostas em áreas de vulnerabilidade ambiental, ampliando o processo de favelização do município¹⁰.

¹⁰ “Segundo os dados do Censo 2010 – IBGE é possível verificar que os 163.805 habitantes de Teresópolis vivem em 53.057 domicílios. O que corresponde a uma média de 3 pessoas por domicílio, seguindo a média nacional. Cabe registrar que o número total de domicílios no município é de 72.047. Dos 18.990 imóveis não ocupados, cerca de um terço dos imóveis (6.609) estavam fechados e 11.600 possuem ocupação ocasional (férias e fins de semana). Os dados confirmam a forte tradição e potencialidade do município para receber veranistas (ocupação ocasional), mas também deixa evidente a falta de políticas públicas para garantir o direito a moradia digna para um em quatro habitantes. Teresópolis iniciou o século XXI ocupando a segunda colocação entre as cidades com maior proporção de população vivendo em favelas (cerca de 25%), no Estado do Rio de Janeiro, num total de 91 municípios. São mais de 30 mil moradores (quinto lugar em

O nível de segurança e o tipo de crime nas diferentes áreas da cidade são percebidos pelos estudantes ao realizarem pesquisas em jornais e entrevistas moradores e membros da segurança pública¹¹. Na área central e nos bairros nobres e de classe média as ocorrências policiais são na maior parte das vezes relacionadas a roubos e furtos, enquanto na periferia e, sobretudo, em algumas favelas tem relação com o tráfico de drogas. Descobrem que o crime mais cometido na cidade é a violência contra a mulher, na maior parte das vezes realizada pelo companheiro (ou ex) ou familiares. E que a sensação de violência e os tipos de violência variam, em média, de acordo com o gênero e a faixa etária.

O meio ambiente degradado é ilustrado, sobretudo, através de imagens de diferentes pontos do município, onde o descaso com os corpos hídricos e o desmatamento se destaca na paisagem.

4.3 A síntese dos trabalhos e o direito à cidade

Por mais que o processo da leitura da cidade tenha sido fragmentado inicialmente em temas e que os grupos não tenham dialogado entre si no momento da produção do trabalho, as apresentações revelam uma lógica na produção e reprodução no/do espaço na cidade de Teresópolis.

Após o término das apresentações, na aula seguinte, os estudantes são instigados a analisar o papel do poder público na redução ou ampliação dos problemas e das desigualdades existentes. Além de formularem possíveis soluções para as questões abordadas, levando-se em consideração o exercício da cidadania.

De forma oral e coletiva os estudantes constroem uma síntese a respeito do espaço urbano estudado. A mesma é anotada no quadro branco e, depois de concluída, nos cadernos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades realizadas contribuíram para uma leitura do mundo menos contemplativa e mais crítica e reflexiva por parte dos estudantes. O que permite uma maior compreensão do local em que vivem e comparações com outros espaços.

Os trabalhos expostos valorizam os conhecimentos e a vivência dos estudantes, familiares e amigos, possibilitam uma relação dialógica e os tornam construtores do próprio conhecimento, cabendo ao professor a tarefa de mediar esse processo. As propostas possibilitam o desenvolvimento de diversas habilidades e competências e a introdução de procedimentos de pesquisa científica no âmbito escolar.

O momento em que mais aprendo com os meus estudantes é aquele em que os indago a responderem o que aprenderam realizando tal atividade.

população absoluta) vivendo nas 22 favelas identificadas pelo IBGE (quarta cidade em número de favelas)” (PEREIRA, 2013).

¹¹ Por mais de uma vez, os grupos responsáveis pelo tema segurança realizaram entrevistas com o delegado local, sempre acompanhados de um responsável, ou membros da Polícia Militar.

A atividade realizada no 7º ano do ensino fundamental possibilitou uma compreensão histórica do processo de urbanização brasileiro nas últimas três gerações, mostrando diferenças e mudanças significativas no tempo e espaço.

A atividade realizada no 2º ano do ensino médio permitiu identificar e analisar a lógica na produção e reprodução no/do espaço na cidade a partir de um conjunto de temas. Com destaque para o papel do poder público na redução ou ampliação dos problemas e das desigualdades existentes.

E o livro didático? A adoção de propostas como as apresentadas não significa o abandono dos livros didáticos. O mesmo deve ser utilizado para uma compreensão geral e complementar do conteúdo estudado e comparações com outros locais.

Nas duas atividades apresentadas são criadas estratégias para conduzir os estudantes na compreensão e valorização do espaço urbano como um espaço de encontro e exercício da cidadania. Se a cidade e sociedade vigentes são frutos de determinadas lógicas, é possível, através da sua compreensão e do exercício da cidadania, conceber e produzir novas cidades e sociedades com justiça social, dignidade e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosângela. **A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia**. In: Revista Terra Livre nº 8. São Paulo: AGB/Marco Zero; 1991.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CAVALCANTI, Lana. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino da geografia para a vida cotidiana. Campinas-SP: Papyrus, 2008.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Currículo Mínimo**: uma proposta em discussão: Geografia. Área: ciências humanas e suas tecnologias. Rio de Janeiro, 2010.

PEREIRA, Luiz Antônio. **Eventos naturais extremos e a falta de planejamento urbano**: potencializando perdas de vidas e econômicas. In: Anais do 14º Encuentro de Geógrafos de América Latina. Perú, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS. **Referencial Curricular da rede municipal de Petrópolis**: Segundo segmento do ensino fundamental. Secretaria de educação, Petrópolis, 2014.

MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso**: para a crítica da geografia que se ensina. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Ariovaldo. **Educação e ensino de geografia na realidade brasileira**. In: Oliveira, Ariovaldo (org). Para onde vai o ensino da geografia? 10ª ed. – São Paulo: Contexto, 2012.